

Mesa Redonda 3

Iconografia Musical, Arqueologia e transversalidades

Diálogos entre as artes e a religiosidade: representações de instrumentos musicais na produção brasileira

Maria José Spiteri Tavoraro Passos
Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo

Introdução

A pluralidade é uma das marcas da cultura brasileira que, formada pelo amálgama de diferentes fontes étnicas constitui um rico campo de pesquisa e de referência para diversas áreas, inclusive a arte.

Do encontro entre as matrizes formadoras desta cultura surgiu um universo de cores, formas, cheiros, sabores, movimentos e sonoridades que despertou o olhar de muitos artistas, gerando ao longo de nossa história registros visuais sob as mais diversas formas de expressão como o desenho, a gravura, a pintura, a escultura, o cinema etc.

Nesse cenário, a representação de instrumentos musicais passou a se fazer presente em muitas obras de arte, podendo nos trazer registros que apontam para diferentes conteúdos sejam eles ligados às técnicas construtivas, à performance artística, à história dos instrumentos entre outros.

Nas religiões de matriz afro-indígena brasileira a música tem grande importância, participando intensamente de todos os rituais seja contextualizando, por meio das letras das canções, as práticas realizadas, seja servindo como instrumento auxiliar nos processos de transe, favorecendo a ligação entre o profano (o homem) e o sagrado (a divindade).

Verdadeiro patrimônio cultural brasileiro, o universo dessas religiões vem motivando a produção de artistas nas mais diversas vertentes: a dança, a música, o teatro, a literatura, as artes visuais...

No presente trabalho se procede a uma análise da representação dos instrumentos musicais ligados a esses cultos na produção de alguns artistas brasileiros, com destaque para nomes como o de Heitor dos Prazeres, Djanira Mota e Silva, Wilson Tiberio, Maria Auxiliadora e Hector Julio Paride Bernabó (Carybé). Busca-

se assim identificar por meio do olhar desses autores particularidades e convergências no campo da iconografia musical.

Métodos

O método iconológico dirigido à análise de obras de arte, conforme proposto por Erwin Panofsky (2014) serviu como eixo direcionador para o desenvolvimento deste trabalho. Paralelamente, contou-se com o respaldo de áreas correlatas como a história, a sociologia, antropologia, etnologia, mais especificamente os trabalhos de autores que se dedicaram à investigação do universo das religiões afro-indígenas brasileiras como Roger Bastide, Nina Rodrigues, Edson Carneiro, Reginaldo Prandi, entre outros.

Resultados e Discussão

O ponto de partida foi a busca de obras pictóricas que pudessem representar a relação entre a música e os cultos de influência afro-indígena no Brasil. Nesse sentido, destacamos aqui a produção de cinco pintores: Heitor dos Prazeres, Carybé, Djanira, Wilson Tiberio e Maria Auxiliadora.

Hector Julio Paride Bernabó (Carybé) (1911-1997), artista argentino, mudou-se definitivamente para o Brasil no final da década de 1940. Naturalizado brasileiro, dedicou a maior parte de sua produção ao registro desse povo, sobretudo na Bahia. Além de outras manifestações culturais, em suas obras encontramos um vasto repertório iconográfico envolvendo representações dos rituais afro-brasileiros, especialmente em suas aquarelas, algumas delas publicadas no livro *Iconografia dos Deuses Africanos no Candomblé da Bahia*, resultado de 30 anos de trabalho documentando com precisão o universo dos terreiros do candomblé, registrando desde a indumentária utilizada nas casas, até as cerimônias religiosas. Os instrumentos musicais são uma presença constante nessas obras, mostrando a sua importância nesse contexto ritualístico, registrando não apenas os tipos (atabaques, xequerês, gans e outros), como também o modo de tocar, e a restrição às mulheres no que diz respeito à execução musical nos rituais (somente os homens podem tocar).

Djanira da Mota e Silva (1914-1973), natural de Avaré (SP), iniciou seus estudos de arte no Rio de Janeiro, onde teve contato com artistas ligados às tendências modernas que talvez tenham servido de incentivo para uma valorização do cotidiano do povo brasileiro, suas paisagens, festas populares e a religiosidade que estiveram entre as recorrências temáticas de sua obra.

Nos anos 1950 viajou a diferentes localidades, se aprofundando na multiculturalidade brasileira e no engajamento social que se tornariam marcantes em

sua produção. Na Bahia teve contato com o efervescente cenário do modernismo baiano e, talvez influenciada por esse contexto realizou algumas obras relacionadas aos cultos de matriz africana. Entre as mais famosas estão o painel *Candomblé*, executado especialmente para a residência de Jorge Amado. Posteriormente retornaria a essa temática em outras obras como *Três Orixás* (1966, obra pertencente à coleção da Pinacoteca do Estado de São Paulo), *Feira da Bahia* (1956) e *Candomblé* (1962), entre outras. De forma menos documental do que Carybé, Djanira detém-se a uma leitura mais hierática do culto aos Orixás, sem deixar de destacar a presença dos atabaques.

O gaúcho Wilson Tiberio (1916-2005), estudou na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Viajando ainda jovem para a França, desenvolveu a maior parte de sua produção do exterior. Em suas obras encontra-se não apenas uma valorização da cultura afro-brasileira, como também ecos do candomblé, religião que conheceu por intermédio de sua família materna e com a qual se reencontrou ao visitar a Bahia e o terreiro do Gantois (DOSSIN, 2015, p. 243). A música dos terreiros pode ser identificada na obra de Tiberio não só pela presença dos atabaques como também pelo registro dos corpos em movimentos de dança.

Ao contrário dos três primeiros nomes, que passaram por uma educação formal no campo das artes visuais, Heitor dos Prazeres (1898-1966) e Maria Auxiliadora da Silva (1935-1974) estão diretamente ligados ao universo da arte popular.

O carioca Heitor dos Prazeres, frequentou o profícuo ambiente das casas das tias, o “berço” do samba carioca na primeira metade do século XX. Circulando pelo ambiente dos morros, viu o nascimento das escolas de samba, conheceu e como compositor, atuou junto a importantes nomes do cenário musical de então, tendo centenas de sambas catalogados.

No final da década de 1930 passou a pintar, registra o seu meio, o samba, as festas, os músicos, os quintais do Rio de Janeiro, obras essas que ilustram algumas capas de seus discos.

Conheceu a Umbanda carioca, uma religião que guarda as marcas da multiculturalidade brasileira, com traços espíritas, católicos, indígenas, africanos etc...

A música na umbanda é essencialmente cantada e tem também grande importância nos rituais. São os chamados “pontos cantados”, em sua maioria em português (ressalta-se que nos candomblés canta-se predominantemente em línguas africanas), em geral acompanhados por instrumentos de percussão (a chamada “curimba”), minimamente atabaques (o número pode variar de um a três ou até mais atabaques), e/ou palmas, podendo ser ampliada para outros instrumentos como chocalhos, pandeiros, agogôs e outros. Esse ambiente se faz presente na

obra desse artista, que registra rituais e os toques de atabaques dos terreiros que no início do século XX, inclusive por questões judiciais, funcionavam na clandestinidade.

A mineira Maria Auxiliadora da Silva foi autodidata e autora de uma produção que embora realizada em seus últimos anos de vida (faleceu vítima de câncer, aos 39 anos), destacou-se nos cenários nacional e internacional.

Seus trabalhos têm grande expressividade e registram de forma simples o cotidiano rural brasileiro, festas, cursos para a alfabetização de adultos e outros temas relacionados ao meio popular, as manifestações da fé.

O tema dos terreiros surge no final da década de 1960 e a riqueza de detalhes mostra certa intimidade com esse universo religioso: o ambiente, os objetos das cenas, a disposição dos participantes, sejam eles girantes ou membros da assistência, o posicionamento dos sacerdotes, dos instrumentos e seus músicos... Também é interessante observar uma particularidade registrada por Maria Auxiliadora: a presença de mulheres tocando os atabaques nos terreiros de umbanda, prática essa proibida nas casas candomblecistas.

Considerações Finais

Analisar os trabalhos de diferentes artistas e contextos tão diversos nos faz refletir a respeito da sua relação com o objeto aqui tratado “arte e religiosidade”.

A aparente imparcialidade sugerida pela sobriedade das figuras de Djanira, a proximidade esboçada nas aquarelas de Wilson Tiberio, o encanto pela sonoridade ruidosa e agitada das figuras de Heitor dos Prazeres e o detalhismo descritivo de Maria Auxiliadora, cada um deles pode revelar um diferente grau de proximidade e conhecimento a respeito das casas que talvez tenham visitado e das práticas que tenham testemunhado.

Entre os artistas estudados, Carybé é quem registra de modo mais sistemático e preciso o universo dos terreiros e, nesse contexto a presença e uso dos instrumentos musicais.

No entanto em todos eles, é notória a presença dos atabaques, comprovando a relevância desses instrumentos nos rituais, tornando-se um verdadeiro símbolo das religiões que mantém alguma relação com as raízes africanas.

Analisar e comparar a visão de diferentes artistas em busca de registros que demonstrem a presença da música nos ambientes religiosos afro-indígenas brasileiros, pode revelar singularidades como o tipo de instrumento, o modo de tocar, a importância dada aos músicos etc, tornando-se assim as pinturas um espaço que guarda parte da riqueza cultural presente nas religiões afro-brasileiras.

Agradecimentos

A todos os amigos e colegas que direta ou indiretamente vem colaborando para o aprofundamento destes estudos que envolvem a arte e a religiosidade no Brasil: Reginaldo Prandi, Alexandre Cumino (Colégio de Umbanda Sagrada Pena Branca, São Paulo, SP), Axé Ilê Obá (São Paulo, SP), Ilê Axé Asiwaju (Santana de Parnaíba, SP), Seara de Luz Tupinambá (Jarinu, SP), Templo de Umbanda Capoclo Tupinambá e Sultão das Matas (São Paulo, SP), Museu Afro-Brasil e Biblioteca Carolina Maria de Jesus (São Paulo, SP), Museu de Arte Assis Chateaubriand (MASP – São Paulo, SP), Instituto Carybé, Solange Bernabó, Sinei Salles, Natalie Roth e Regina Guerra, Ronaldo Linares.

Referências

- BARBOSA, Juciara Maria Nogueira. Descompasso: como e porque o modernismo tardou a chegar na Bahia. **V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Faculdade de Comunicação/UFBa. Salvador, mai 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19289.pdf> acesso em 20 abr 2018.
- BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BERNABÓ, Nancy. Carybé por Nancy. In: **O universo mítico de Hector Julio Paride Bernabó, o baiano Carybé**. São Paulo: Museu AfroBrasil / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. (catálogo)
- CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de cultos afro-brasileiros: com a indicação de origem das palavras**. 3ª. ed. revista. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.
- CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. [s.l.]: Edições de Ouro / Tecnoprint, [s. d.] Col. Prestígio
- CARYBÉ. **Iconografia dos deuses africanos no candomblé da Bahia**: aquarelas Carybé. (textos Jorge Amado, Pierre Verger, Waldeloir Rego). Salvador: Editora Raízes Artes Gráficas, Fundação Cultural da Bahia, Instituto Nacional do Livro e Universidade Federal da Bahia. 1980.

- CUMINO, Alexandre. **Medium: incorporação não é possessão**. São Paulo: Madras, 2017.
- FONSECA, Edilberto José de Macedo. O toque da campânula: tipologia preliminar das linhas-guia do candomblé ketu-nagô no Rio de Janeiro. In: **CADERNOS DO COLÓQUIO**. n. 5, n. 2002. p. 8-19. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/coloquio/article/viewFile/59/28> . Acesso em 26 mar. 2018.
- HERSKOVITS, Melville Jean & WATERMAN, R. A. Música de culto afrobaiana. **Revista de Estudios Musicales**. Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo, 1(2):65-127, 1949.
- LODY, Raul G. M. . **Dicionário de Arte Sacra e Técnicas Afro-brasileiras**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- MACIEL, Neila Dourado Gonçalves. A integração das artes no modernismo baiano: arte e política no discurso da “baianidade”. **Revista-Valise**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, ano 6, dezembro de 2016.
- PANOFSKY, Erwin. **Significado das artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. Artes do axé. O sagrado afro-brasileiro na obra de Carybé. **Ponto Urbe** [Online], 10. 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1267>. Acesso em: 25 abril 2018.
- VERGER, Pierre. **Orixás: deuses iorubas na África e no Novo Mundo**. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2018.